

**ANCHIETA: O POETA MENSAGEIRO DA PAZ**

Olímpia Ribeiro de Santana\*

**Resumo:** *Neste ensaio, enfoco a dimensão das divergências, ocorridas no século XVI, envolvendo religião e ciência e procedo a uma interpretação da poética do Padre José de Anchieta, escritor inserido nesse século, demonstrando que esse poeta, apesar de vivenciar uma época em que grandes transformações estão sendo experimentadas pela humanidade, por conta da descoberta de novos mundos e do início de uma nova alteridade, não perde a coragem para não só enfrentá-las, como, também, propagar o amor espiritual, tomando, como exemplo, a mãe de Deus, Maria Santíssima, como único caminho para encontrar a paz.*

**Palavras-chave:** Literatura; Literatura portuguesa; Literatura brasileira.

**INTRODUÇÃO**

O texto literário, ao admitir múltiplas leituras e interpretações, ultrapassa as pretensas barreiras entre sintaxe e semântica, significante e significado. Há que se considerar as circunstâncias histórico-sociais em que o texto foi criado, o engendramento do sistema de relações entre o textual e o extratextual, operação que vai se situar no domínio da intertextualidade. Essa não se detém num significado final, pois os sentidos do texto não se autoconstroem centrados em si mesmo, como se fossem desdobramentos, mais ou menos automáticos e necessários, auto-suficientes, uma lógica epistemológica irrecorrível.

Assim, o percurso que pretendo fazer vai elaborar o espaço de manifestação de múltiplos traços norteadores e diferentes informações que podem estar na origem do texto poético de José de Anchieta, sem perder de vista o núcleo de leituras possíveis que são delimitadas pelo próprio texto e que constituem a base de qualquer interpretação.

**CORPUS**

O poeta José de Anchieta está inserido no período do Renascimento, época que, de acordo com Klass Woortmann (1997:11), tem início no século XV e marca o começo de uma profunda transformação na cosmologia ocidental. É o marco da ciência, cujos objetivos consistem em formular idéias, abstrações, reflexões e poder combinatório na busca constante da elucidação da realidade para facilitar a vida do ser humano na terra. Salienta Klass, no entanto, que, se a ciência e a religião são hoje pensadas como opostas, a ciência ocidental, na época em questão, constituiu-se no interior do campo teológico ou em estreita relação com ele.

Desse modo, considero o Renascimento como um momento em que as idéias frutificaram, criando ressonâncias no contexto cultural e permitindo que ciência e religião fossem interlocutores mútuos – mesmo que, por vezes, o diálogo tenha sido de surdos. Nesse período, através de invenções como, por exemplo, a bússola, a ciência contribuiu para grandes mudanças. O ato civilizacional da grande aventura do mar deu início ao conhecimento de outros mundos. Houve um novo renascer para o mundo e toda a mudança foi fruto das descobertas marítimas. Os marcos fundamentais dessa transformação são o Descobrimento da América pelo Ocidente e a formulação copernicana da relação entre a Terra e o Sol.

---

\* Professora Doutora - Instituto de Letras da UCSal.

Os Descobrimientos provocaram uma considerável inquietação, ao permitir a reinvenção do mundo, pois, antes dos Descobrimientos, o oceano era o limite do mundo. Assim, o homem, ao longo dos séculos, foi constituindo uma história coletiva que estabeleceu como unidades maiores Deus, o homem e o mundo. As navegações e os descobrimientos, porém, trouxeram à luz o oculto e reuniram, pela primeira vez, os mundos. A cristandade ocidental vê-se em crise. A renovação trazida pelo humanismo favorece a transformação cultural / cosmológica do mundo ocidental. Os espíritos tornam-se aptos ao conhecimento humano.

Afirma Klass (1997:18) que, nesse contexto, muitos pensadores tornam-se audaciosos na crítica à visão de mundo tradicional e aos valores perpetuados pela teologia medieval, vindo a colocar em dúvida, mais tarde, a disputa entre a verdade revelada pela fé e o experimentalismo. A tensão criada entre a fé e a ciência não foi resolvida pelos “renascentes”, nem mais tarde pelos “iluminados”.

É nesse momento que o discurso científico começa a debater-se com o discurso religioso e o campo da ciência se forma por desimbricamento do campo teológico. O Renascimento não conseguiu realizar plenamente essa separação, muito pelo contrário, nessa época o culto à Virgem Maria ganha mais força. É válido dizer que o embate entre ciência x religião, materialismo x espiritualismo e objetivo x subjetivo tem sido, ao longo dos séculos, uma disputa de poder e saber, como forma de privilegiar um desses aspectos em detrimento do outro. Basta dizer que esse embate só começa a ser amenizado no início do século XX.

Não me interessa aqui examinar as minúcias desenvolvidas nesse período da história intelectual europeia, meu propósito é apontar que é nesse contexto de idéias que se cruzam, em que o Renascimento ganhava espaço e adesões, que José de Anchieta escreve os seus *Poemas*, exaltando o espiritualismo cristão, através da sua devoção à Virgem Maria. Devoção que advém do fato de o poeta, de acordo com os princípios da sua vocação religiosa, propor-se a seguir os passos de Maria Santíssima, principalmente no que diz respeito à castidade. Maria diz sim ao Senhor, sem titubear: “*Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a Vossa vontade*”. O poeta diz:

Ó gloria, ó clara luz deste povo, mais pura,  
ó fulgor de pureza e lírio de candura<sup>1</sup>  
(.....)  
Ó tu que és virgem boa e amas quantos amaram  
tua nívea pureza e o exemplo te imitaram (p.109).

A produção literária de José de Anchieta é inegavelmente oriunda da sua formação jesuítica. Diz o Padre Armando Cardoso (1980:20) que Anchieta encontrou obstáculos desde a sua vida acadêmica, pois a mesma era muito agitada, havendo muitos escândalos na classe estudantil de Salamanca e de Coimbra, Anchieta como fervoroso cristão não aceita tal situação. Os versos escritos com a intenção de valorizar o amor da Mãe do Senhor são uma espécie de confissão vigorosa, pois, ao adotar um tratamento de cunho mariológico e não idolátrico, como pode parecer, ele está pedindo à Maria a intervenção para obter de Jesus Cristo, Seu Filho e Filho de Deus, perdão e coragem para continuar a peregrinação.

Por que te desprezei, ó imensa beleza  
obcecado, ai de mim! No amor de vil torpeza?  
Por que não viu meu lume o luzeiro divino?  
não atraiu meu peito odor tão peregrino! (p. 107/9).

Anchieta não está apenas confessando, exprimindo o seu amor por Maria, ele está buscando a experiência e a comunhão com a Pessoa daquele que está ao centro, Jesus Cristo,

---

<sup>1</sup> ANCHIETA, José de. *Poema da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*. São Paulo:Ed. Loyola.1980, p. 107. (Obs: nas próximas citações recorrerei só ao número da página).

Filho de Deus e Filho de Maria. O poeta José de Anchieta tinha os pés fincados em seu mundo, ele não era um homem desterritorializado, ele não adotou a selva brasileira como sua pátria, ele veio pela fé e a serviço da fé, buscando repassar os ensinamentos cristãos para os nativos, já possuidores de uma outra cultura e convictos dela, e vai vivenciar uma época em que os valores materiais da descoberta do Outro eram quase unanimidade.

Na visão dos europeus, a cultura do Outro era inferior, o modelo que eles possuíam era o deles. Apesar do etnocentrismo vigente, considero o fato de que o homem via o mundo através da sua cultura e tinha, como consequência, a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural.

Se o poeta Camões, consciente dos feitos de Portugal, buscou transmiti-los n' *Os Lusíadas* e proferir a frase que ficou famosa — “*Onde a terra acaba e o mar começa*” — sem, no entanto, perder de vista os perigos que as descobertas marítimas proporcionariam ao povo português e aos demais, pois poucos poderiam referir-se com tanto conhecimento de causa sobre as injustiças e abusos cometidos pelos portugueses. Anchieta, ao relatar os feitos de Maria e a sua grandiosidade, teve que fazer uma leitura diferenciada da de Camões, ao se encontrar com o Outro. Retomo a metáfora de José Saramago (1993:11), ao parodiar Camões, para melhor expor a situação de José de Anchieta — “*Aqui, o mar acaba e a terra principia*”. Uma coisa é descobrir terras novas e usufruir as suas riquezas, outra coisa é conviver com outros povos e tentar evangelizá-los.

Assim, o desconforto, o inconformismo ou a indignação diante do novo suscita um impulso para conseguir a superação. O poeta busca livrar-se das dores terrenas transferindo, para o mundo divino, a solução das dificuldades irremediáveis. A superação se dá pela irrupção desses momentos líricos, dessa busca por uma resposta, por coragem para enfrentar um universo diferente do seu e, se possível, transformá-lo de acordo com as suas concepções e crenças.

Desse modo, o lugar de onde falo é um lugar em que as verdades são muitas e estão umas contra as outras, é um lugar que, de acordo com o cânone da moda, à luz das críticas mais avançadas, privilegia-se a “desconstrução”, mas o lugar de onde Anchieta falou é um lugar em que predominava uma única Verdade: a verdade do Cristianismo. O Cristianismo, de acordo com Dom Lucas Moreira Neves (1998), não adota como atitude uma certa tolerância no sentido do permissivismo, do relativismo intelectual e moral (teórico e prático) das múltiplas verdades ou da verdade de cada um. Não assume tampouco posturas fundamentalistas. Sua posição é da repulsa ao erro e ao pecado e misericórdia e compaixão para com o que erra e com o pecador. O Cristianismo procura transmitir a verdade através do testemunho e da vida do que com palavras. A poesia de José de Anchieta, ao retratar o testemunho vivenciado por Maria, inscreve-se nesse contexto de idéias. A obediência de Maria é fruto do amor.

Certo que em tudo és tu, ó formosa menina,  
a causa principal da exaltação divina (p.105)  
Ó obra singular, ó invento profundo  
da mão de Deus, ó lar muito maior que o mundo! (p.107)

Desse ponto de vista, reconheço que, num cenário inóspito de uma comunidade cuja cultura primitiva, sem nenhum borilamento, bem diferente da ocidental, o encontro com a prece, o trabalho intelectual e a solidão serviram de antídoto às pressões humanas. O caminho da introspecção é fecundo, mesmo quando não leva a certeza alguma. O anseio do desconhecido, a sensação de incerteza e a falta de orientação para trilhar este novo mundo se expressam através da linguagem escrita.

Anchieta veio para o Brasil com a missão de evangelizar, com a missão de propagar as palavras do evangelho. Maria era o evangelho, Ela estava profundamente ligada à Santíssima Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo. Anchieta recorre a Mãe em busca de ajuda e de forças para não sucumbir diante de uma perspectiva nova, fruto da descoberta de um mundo novo. Um mundo que postulava outros valores e postergava os valores postulados pela moral cristã.

De acordo com as anotações do Padre Armando Cardoso (1980:29), o Poema da Virgem é um episódio de amor e de pureza no drama agitado da Confederação dos Tamoios. Liga-se proximamente ao armistício de Iperuí. O poeta vivenciou de perto a situação da pequena colônia Vicentina, ameaçada de extermínio, e o meio heróico para salvá-la. Anchieta presenciou cenas cruéis por parte dos Tamoios. Segundo Anchieta, os Tamoios, do Rio de Janeiro, levavam continuamente os escravos, mulheres e filhos dos cristãos para matá-los e comê-los, viajando por mar e por terra (Cf. Pe. CARDOSO, Armando, 1980:29). Ele expressa tais momentos em versos, demonstrando grande preocupação com o destino deste novo mundo, principalmente porque reconhecia que também os portugueses extrapolavam os limites, cometendo atrocidades e suscitando a revolta dos nativos.

Eis os versos que outrora, em voto, ó Mãe toda santa,  
te prometi, cercado por inimigos feros.  
Enquanto minha presença abranda os terríveis Tamoios,  
e trato, como refém, a obra da paz tranqüila:  
Tua graça acalentou-me com carinho materno,  
teu amparo guardou-me intactos corpo e alma. (p. 38).

É a partir desse contexto conturbado que Anchieta deixa fluir o seu veio poético, dizendo que vai cantar o amor piedoso de Maria e vai elaborar a obra da paz tranqüila, mas que teme que na língua não existam vocábulos que possam exaltar a Sua grandeza, pois a linguagem já está contaminada pelas impurezas mundanas. Diz ele:

O teu piedoso amor, com que a mente aguilhoas cantigas / manda cantar,  
senhora, estas modestas loas.  
Mas teme em língua impura exaltar-te as grandezas, / pois que manchada jaz de  
muitas vis torpezas. (p. 93).

O poeta mostra que Maria é anterior a todas as criações de Deus e que Ela foi concebida, em desígnio eterno, para ser mãe em virgindade. A Bela é a casta que veio ao mundo para limpá-lo, dar prazer e ser remédio das chagas dele, é assim que, diante de Maria, Anchieta confessa-se pecador, alegando que os seus pecados já vêm do seio materno. Só através do amor de Deus, o mundo encontraria a paz e, para ser digno dessa dádiva, homens e mulheres teriam que seguir o exemplo de Maria Santíssima.

Antes de Deus criar na palavra seus astros / antes de fabricar a terra e imensos  
lastros,  
Em desígnio eternal concebeu-te primeira, / para lhe seres mãe em virgindade  
inteira (p. 97).

Com amor e por amor, o sujeito poético louvou a Maria como mãe que é sensível ao perdão. Antes de tudo, ele lutou pela paz. A paz, para ele, significa a adoção do amor divino, do amor de Deus, intermediado por Maria. Assim, para propagar a fé, o amor por Maria e fazer retornar a paz, ele escreve-Lhe a vida, em dois mil, oitocentos e sessenta e seis dísticos clássico latino, cinco mil setecentos e trinta e dois versos elegíacos, por uma imitação consciente do poeta Ovídio, que também como ele esteve exilado, pelo intento de contrapor um sentimento de pureza ao amor sensual (Cf. Pe. CARDOSO, Armando, 1980: 28). O poeta faz isso como exaltação mística, pois além dos perigos que constantemente o ameaçavam, ele presenciava os riscos que rondavam a juventude da sua época e acreditava numa possível mudança. Salienta o Pe. Armando Cardoso (1980:27) que Anchieta, em seu novo campo de ação: o Brasil dos colonos, degredados, soldados, mamelucos, escravos negros e índios, na fusão começada e muitas vezes desenfreada, das três raças, em que faltava o cultivo moral dos missionários e o enfraquecimento das leis, encontrava-se triste e desassossegado. Maria era o bálsamo. Era um templo que ele

recorria para se fortalecer e poder seguir em frente, sem se deixar envolver com os prazeres mundanos.

Ó tu, templo feliz, mais feliz que este templo:  
teu peito exala sempre o pudor do teu exemplo!  
Se tua santa infância eu mal posso cantá-la,  
pelo menos concede ao coração amá-la. (p. 147).

O poeta não aceita a idéia de que um mundo produzido pela ação divina entre em colapso pela idéia de um mundo produzido pela ação humana. Assim como Maria disse sim ao Pai, na Anunciação, Anchieta, seguindo o seu exemplo, ao doar a sua vida por amor a Maria, sente-se feliz por poder imitá-la. O trabalho de Anchieta é grandioso, ele reconhece a tirania do mundo, o mal, camuflado nas mais diversas formas de prazer e de bem-estar momentâneo, as preocupações do mundo, a ilusão da riqueza e de outros desejos que impediam que nascessem nos corações humanos os frutos do amor verdadeiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil para os críticos e estudiosos aceitarem um poeta que se volta para o passado, numa época em que o presente apontava para outra direção e que grandes poetas, como Camões, enalteciam o saber científico. Mas Anchieta quis ser fiel às suas crenças e credos. Ele antevia os horrores que adviriam da perspicácia e inteligência do ser humano, pois homens e mulheres estariam obcecados pelos feitos da razão e poderiam deixar de lado a fé cristã.

O poeta, após ter passado por tantos perigos, ter sido exilado e ter conseguido sobreviver, prometeu à Maria, conforme o fragmento do texto — *ó Mãe toda santa, te prometi, cercado por inimigos feros a obra da paz tranqüila*” - propagar o seu amor, através da publicação de poemas que enaltecessem o Seu modo de amar, para que a posteridade, ou seja, a fim de que o mundo não se perdesse de vez, afastando-se do Pai Supremo e pudesse, assim como Maria Santíssima, confiar no Seu amor.

## REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de. **Poema da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus**. Tomo 1. Introdução e anotações ao texto do Padre Armando Cardoso. S.J. São Paulo: Ed. Loyola (Brasília): INL, 1980.

\_\_\_\_\_. **Poema da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus**. Tomo 2. Introdução e anotações ao texto do Padre Armando Cardoso. S.J. São Paulo: Ed. Loyola (Brasília): INL, 1980.

BAKHTIN, **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

CAMÕES, Luis de. **Os Lusíadas**. Porto: Tipografia Bloco Gráfico. s/d.

NEVES, Lucas Card. Moreira. **Terras & gentes**. Salvador: A Tarde. 17/6/1998.

SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. Lisboa: Ed. CaMINHO. 1984.

WOORTMANN, Klass. **Religião e Ciência no Renascimento**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1997.